

Futebol no Feminino: dinâmicas de género num desporto padronizado

Autora

Rita Morgado

ritamorgado20@hotmail.com

Resumo

O futebol é um desporto historicamente reprodutor de uma hierarquia e cultura masculina. Considerando-se o género como um conceito socialmente construído inserido numa realidade social também em constante mutação, este artigo pretende compreender as dinâmicas com as quais uma rapariga é confrontada na escolha de jogar à bola. Através da análise de conteúdo de três entrevistas semiestruturadas a atletas federadas, discute-se a primeira socialização com o futebol, o contexto feminino dentro dos clubes, e os estereótipos de praticar um desporto socialmente associado a homens.

Palavras-chave: Sociologia do Desporto, Estudos de Género, Desigualdades, Construção Social

INTRODUÇÃO

Ser mulher e jogar à bola. O desporto enquanto atividade da esfera pública consiste num fenómeno plural no qual se pode analisar as mais diversas questões de relevância sociológica enquanto reflexo da sociedade e dos seres sociais. (Elias e Dunning, 1992; Costa, 1992; Marivoet, 2002). As questões de género em qualquer campo social são objeto imperativo de análise, especialmente quando enquadradas em áreas nas quais tendencialmente existe uma hierarquização de um género em relação ao outro, ou seja, uma desigualdade.

O desporto e o futebol em particular são ainda resultado de um processo sócio histórico no qual a afirmação da mulher acontece muito mais tarde. O desporto moderno estabelece-se enquanto meio de reprodução da cultura masculina, tornando-se num campo de afirmação de homens e para homens reproduzindo características associadas ao género masculino como a virilidade, intensidade ou agressividade,

perpetuando uma lógica de distanciamento entre homens e mulheres. (Marivoet, 2002a; Theberge, 2000)

As noções de género construíram-se ao longo do tempo como as diferenças sociais existentes entre o chamado género masculino e género feminino, associando-se normalmente o género ao sexo. (Butler, 1990: 1-34). Reconhece-se a pluralidade e discussão desta associação binária (Butler, 1988), mas para efeitos metodológicos tratar-se-á as mulheres como representação do género feminino e os homens como a representação do género masculino. Ao ser socialmente construído, o conceito de género fica tendencialmente refém de dinâmicas e comportamentos externos ao indivíduo e que existem objetivamente como práticas associadas ao papel masculino ou ao papel feminino. (Lindsey, 2016; Amâncio, 1994; Torres et al., 2018: 19-30).

O futebol – assim como o campo desportivo de uma maneira geral - construiu-se como um fenómeno masculino. É historicamente uma esfera de homens e da condição masculina, tornando-se num desporto culturalmente representando por características associadas ao género masculino. Construindo-se por oposição o género feminino e as suas características, o futebol define-se como uma esfera do espaço público num sistema patriarcal (Walby, 1990), com mecanismos institucionalizados tendenciosos a homens (Hargreaves, 1994) onde a mulher encontrou e continuará a encontrar dificuldades de se afirmar, especialmente na procura de afirmação da sua condição de feminina.

O futebol feminino nos últimos anos tem vindo a crescer nos vários escalões em termos estatísticos¹ e de mediatismo em Portugal. Apesar de ainda não ser comparável com os números masculinos, o número de atletas federadas nunca foi tão grande como atualmente e a Federação Portuguesa de Futebol tem feito um esforço em termos de comunicação para trazer a agenda do futebol feminino para um papel de destaque em comparação com a história recente da modalidade – um sinal dos tempos. Enquadra-se uma conjugação de estrutura e agência (Walby, 1996) para o desenvolvimento do futebol feminino, onde estrutura é o apoio e investimento de uma entidade como a Federação e agência é o crescente número de praticantes no feminino.

¹ Para números detalhados, consultar <https://indicadores.fpf.pt/>

O desenvolvimento sustentável de qualquer desporto deve ter em consideração os vários tipos de entraves, desigualdades, condicionantes a si associados. Os estudos do género no futebol impõem-se pela importância social que o futebol a si chama e pela sua capacidade de ser um motor de mudança social nos mais diversos contextos. (Serrado e Serra, 2010; Hough, 2008; Coelho, 2004). Estabelecendo o futebol como uma esfera do domínio público onde as desigualdades de género se reproduzem simbolicamente, estatisticamente, conhecer no terreno as mulheres e as suas experiências dentro de uma modalidade padronizada como masculina revela-se importante para desconstruir como e onde a desigualdade pode ser encontrada.

O presente artigo propõe-se a conhecer experiências na primeira pessoa de três mulheres no futebol, atletas federadas, e compreender e analisar o seu percurso segundo uma lógica de género, uma lógica de mulheres numa esfera de homens. A análise será dividida em três pontos distintos: a primeira socialização com o futebol e a sua presença na fase de crescimento; as experiências individuais na prática federada; a perspetiva das atletas sobre o estereótipo de género e a associação ao futebol.

METODOLOGIA

O método utilizado consiste numa abordagem qualitativa e compreensiva através da realização de entrevistas semiestruturadas e da respetiva análise de conteúdo. Este tipo de entrevista baseia-se num guião previamente estruturado para certos objetivos, mas que pode sofrer alterações de ordem e conteúdo de acordo com o desenrolar da entrevista. Esta metodologia enquadra-se nos objetivos propostos, numa análise com um foco pessoal e nas experiências individuais (Quivy e Campenhoudt, 1998). As entrevistas semiestruturadas permitem associar as experiências da atleta em relação à modalidade (micro) com a experiência em competição (meso), o que pode permitir inferir sobre um contexto mais global do futebol (macro). O tipo de amostragem é não probabilística, por bola de neve, e sem ênfase na representação estatística do universo em estudo. Apenas duas variáveis foram consideradas na escolha da amostra: serem mulheres e praticarem futebol federado.

DISCUSSÃO E ANÁLISE

Primeira socialização com o futebol e a fase de crescimento

O primeiro contacto com futebol acontece ainda em criança. Importa discutir a presença masculina que incentiva ou ajuda no início da socialização do futebol. Através do pai ou do irmão, as atletas são introduzidas à prática num contexto próximo, familiar e sobre a alçada de uma figura masculina. O recreio e “a rua” são apontados como principais contextos da prática do futebol, sendo que durante o crescimento o futebol é utilizado como uma atividade de lazer. Este marco na fase inicial da socialização (Berger e Luckmann, 1999) da criança e do futebol em particular dá-se pela relevância do contexto doméstico nas experiências das atletas.

Numa idade em que as entrevistadas eram totalmente dependentes dos pais, a postura destes relativamente ao futebol condicionou de alguma forma o desenvolvimento das atletas na modalidade, nomeadamente na transição entre lazer e competição. Observa-se duas abordagens diferentes por partes dos pais: a passividade e a oposição. Por um lado, analisa-se uma abordagem passiva por partes dos progenitores à prática do futebol, prática esta legitimada pela presença do irmão, um rapaz. Esta dinâmica da brincadeira, da prática em conjunto com o irmão não deixa de ser interessante ao pensar a importância que pode ter uma figura masculina para “normalizar” a prática por parte das raparigas. A questão da falta de apoio não se colocou, não tanto pelo incentivo ao futebol, mas pela escolha de não contrariar. Na abordagem de oposição, as figuras dos irmãos funcionam como termo de comparação e “contra” as atletas. Existe uma normalização por parte dos pais do interesse dos irmãos pelo futebol que serve como argumento para justificar o “desaconselhamento” do futebol para as entrevistadas, num dos casos sendo sustentado por ambas as figuras paternas, e noutro sendo a mãe a figura mais restritiva em relação à modalidade. Interessante também a reprodução por parte das mulheres da exclusividade masculina no campo do futebol.

Ao longo do crescimento este esforço de distanciamento entre ser rapariga e o futebol está presente em alguns aspetos. Existe uma distribuição de brincadeiras entre rapazes e raparigas, a rapariga a jogar à bola é a exceção. Desde cedo, os seres sociais são confrontados com as dinâmicas de género pré-existentes e com a “pressão” de corresponder aos critérios do que é ser mulher e do que é ser homem, do que é feminino e do que, por oposição, é masculino. As três atletas não

demonstram, contudo, terem-se sentido afetadas com esta premissa, normalizando o facto de simplesmente preferirem brincar ao futebol.

A entrada na adolescência e a procura de afirmação de género no feminino também contribuem para este desapego. A feminilidade é construída sobre uma ideia que distancia as raparigas de não jogar ou brincar a atividades que envolvam atividade física ou a ocupação de muito espaço em contexto de recreio (Paechter & Clark, 2007). A prática do futebol por parte de rapazes durante o crescimento é vista como uma afirmação na construção da masculinidade, uma atividade associada a rapazes. Esta conceptualização do futebol enquanto exclusivo do masculino continua a segregar a presença feminina, de raparigas no futebol, reproduzindo a ideia de que o futebol e a feminilidade são antónimos e incompatíveis (Caudwell, 2011). Um entrave simbólico e social que condiciona negativamente a entrada das mulheres na esfera do futebol.

Experiências individuais na prática federada

Os atletas de alto rendimento iniciam normalmente a sua atividade ainda em criança dedicando grande parte do seu tempo livre ao treino e aperfeiçoamento da sua técnica. Embora não seja impossível iniciar uma carreira desportiva em idade adulta e produzir resultados de sucesso, parece lógico que irá existir uma clara desvantagem em relação a um par que leva anos de método e aprendizagem. O momento de início de competição das entrevistadas merece assim destaque.

Duas das atletas iniciam a sua prática federada já em idade adulta. Os condicionamentos enquanto cresciam apenas permitiram iniciar a competição quando estas já possuem autonomia e independência para tal. A questão geográfica de oferta e a logística do tempo direcionado para o futebol são duas variáveis apontadas como relevantes na altura de decidir iniciar a prática.

Por outro lado, analisa-se o caso da atleta que inicia o futebol federado em conjunto com o irmão numa equipa mista por volta dos 8 anos de idade. A prática é iniciada em conjunto com rapazes, levantando a questão se esta necessidade surge da falta de procura por raparigas ou da falta de oferta de estruturas no feminino. A formação termina aos 12 anos, idade limite sobre a qual lhe foi permitido jogar com rapazes. Após um período sem jogar, aos 13 anos passa a integrar um plantel de idade sénior, não tendo feito um crescimento gradual na modalidade. Importa referir que se neste

caso a oportunidade surge, a falta de respostas a raparigas que após os 12 anos deixem de ter oferta competitiva e de formação tem de ser encarado como um fator determinante e um entrave ao desenvolvimento de uma carreira desportiva no futebol feminino.

Tendo em conta a discrepância estatística e simbólica entre mulheres e homens no futebol, é natural que as entrevistadas tenham apontado alguns exemplos de como se sentem discriminadas em relação aos pares masculinos dentro dos clubes. De forma geral, os plantéis femininos são secundarizados na hora de atribuir instalações e equipamentos, assim como na definição de horários de treino. Em casos em que os clubes não têm infraestruturas para ambos os plantéis, a equipa feminina acaba a treinar em instalações “de sobra” ou “fora de horas” em virtude da equipa masculina trabalhar nas instalações principais e num horário mais simpático. Esta desigualdade entre plantel feminino e masculino reflete-se no investimento monetário (seja em equipamentos de jogo, estruturas de balneário, número de pessoas na equipa médica ou meios de deslocação para jogos) ou na falta de presença de elementos da direção nos jogos femininos. A presença de mulheres nas estruturas dos clubes (equipas técnicas, direções) também é visto como algo a melhorar. Coincidente com a ideia de Hargreaves (1994) sobre as estruturas existentes reproduzirem a prioridade masculina, as atletas defendem que devem possuir o mesmo tipo de estruturas e apoios tal como as equipas masculinas. Defendem que os clubes devem ter um papel fundamental em oferecer condições iguais para um melhor desenvolvimento desportivo, assim como considerar a presença feminina nas suas estruturas internas.

Perspetiva das atletas sobre o estereótipo de género no futebol

A construção historicamente vincada do que é feminino e para mulheres e do que é masculino e para homens origina a existência de estereótipos sobre mulheres e homens que ousem interpretar a realidade social de outra forma que não a socialmente estabelecida. O preconceito sobre mulheres no futebol há muito que existe, sustentando-se numa modalidade com práticas categorizadas como masculinas às quais o género feminino não tem lugar.

As atletas afirmam já ter sentido discriminação de género, sobretudo na esfera pública, apesar de não apresentarem nenhum exemplo significativo de uma situação particular. O público nos jogos surge como o principal veículo de comentários

machistas, muitas vezes com conteúdo de género e discriminatório para a condição de mulher, sobre o lugar delas não ser dentro de campo, e não sobre a capacidade ou não demonstrada no jogo. Outro estigma recai sobre a rapariga masculinizada. A conceptualização binária de sexo, género e heterossexualidade enquanto construções sócio históricas (Butler, 1988) origina este estereótipo. Se a rapariga consegue jogar futebol, insere-se em contexto considerado masculino, então a rapariga é estereotipada de acordo com o género masculino e a lógica binária e heterossexual. Uma dinâmica social maior sobre o rótulo de género e orientação sexual - a lógica hétero normativa socialmente construída. Lógica esta onde os estereótipos sobre as mulheres são criados em virtude de manter a esfera do futebol como exclusiva masculina. A entrada da feminilidade como é socialmente entendida coloca em causa a virilidade masculina do futebol.

Ainda sobre pré-noções em relação à mulher futebolista, as atletas não consideram existir uma associação entre características masculinas e a habilidade para o futebol, uma rapariga ser mais ou menos masculinizada, mais ou menos feminina, é indiferente para a habilidade dentro do jogo. A legitimação do futebol feminino procura-se construindo a modalidade como própria para homens e para mulheres, retirando o rótulo de masculino ao futebol, passando apenas a ser uma modalidade de pessoas. Apesar de todas estas condições de género, as entrevistadas partilham da opinião que o paradigma atual é diferente do anterior e que a tendência será a de se alterar gradualmente tendo em vista a igualdade de género no futebol. A contínua e crescente prática no feminino, a mediatização de vários clubes na sua aposta no feminino, o alargamento da comunicação às redes sociais, são apontados como fatores para este esforço de “normalizar” o futebol feminino. Tal como para Walby (1996), para as atletas é necessário um diálogo constante entre agência e estrutura, atribuindo importância para o desenvolvimento da modalidade no feminino à vontade individual de praticar e de lutar pelo seu lugar no jogo, como ao papel dos clubes e federações que devem trabalhar para dar as condições necessárias para a evolução das mulheres no futebol. A reconstrução da modalidade e do padrão de género associado parece o mote final de análise. Sendo o futebol feminino já um produto das alterações sociais do papel da mulher, um reajustamento futuro da perspetiva de género no futebol na procura da igualdade da presença feminina ganha pertinência na esfera no desporto como também na possibilidade de se estender a outros campos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise final revela uma realidade de pequena escala e individual sobre as desigualdades (simbólicas e não só) existentes às raparigas, mulheres, que querem praticar futebol. A primeira resistência ao feminino no futebol surge logo na fase de crescimento, onde o contexto familiar e escolar são os principais agentes da reprodução dos papéis de género. Quer seja através da falta de incentivo ou aprovação por parte da família ou da distribuição de brincadeiras no recreio, o embate com a ideia de o futebol não ser para raparigas está intrínseco.

Num contexto de competição as estruturas e pessoas envolvidas encaram o futebol feminino como a segunda opção, priorizando o futebol masculino em todos os aspetos e não defendendo os interesses nem a competitividade no feminino.

Em termos de perceção dos estereótipos de género o futebol continua a ser um desporto pensado como masculino e as implicações culturais e simbólicas continuam a marcar as atletas femininas. A (des)padronização do masculino no futebol está em curso, mas ainda é uma realidade social muito distante. A feminilidade é um rótulo de desconhecimento e incapacidade no jogo e a masculinização das raparigas é o estereótipo preferido para quem pretende continuar a excluir as mulheres e o feminino da modalidade.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Cristina Matos. 2000. A mulher nas instâncias federativas do desporto. IV Congresso Português de Sociologia. Coimbra.
- Almeida, João Ferreira de. 2013. Desigualdades e Perspetivas dos Cidadãos – Portugal e a Europa. Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Amâncio, Lúcia. 1994. Masculino e Feminino: a construção social da diferença. Coleção Saber Imaginar o Social, nº7. Porto: Edições Afrontamento.
- Archer, John and Lloyd, Barbara. 2002 Sex and Gender, Second Edition. Cambridge University Press.
- Berger, Peter e Luckmann, Thomas. 1999. A Construção Social da Realidade: Um Livro Sobre a Sociologia do Conhecimento. Tradução de Ernesto de Carvalho. 2ª Edição, Dinalivro, Lisboa.
- Birrell, Susan. 1988. Discourses on the Gender/Sport Relationship: From Women in sport to Gender Relations. Exercise and Sports Sciences Reviews January 1988 – Volume 16 – Issue 1 – p. 459-502
- Birrell, Susan. 2000. Feminist Theories for Sport. IN Coakley, Jay and Dunning, Eric (Eds.), The Handbook of Sports Studies, p. 61-76. SAGE Publications, London.
- Bourdieu, Pierre. 1988. Program for a Sociology of Sport. Sociology of Sport Journal, 5, p. 153-161.
- Butler, Judith. 1988. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. Theatre Journal, Vol. 40, No. 4 (Dec., 1988), p. 519-531. Published by: The Johns Hopkins University Press. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3207893>
- Butler, Judith. 1990. Gender Trouble: feminism and the subversion of identity. Routledge, New York and London.
- Caudwell, Jayne. 2011. Gender, feminism and football studies. Soccer & Society Vol. 12, No. 3, May 2011, p. 330–344. URL: <http://dx.doi.org/10.1080/14660970.2011.568099>
- Coelho, João Nuno. 2004. «Ondulando a bandeira»: futebol e identidade nacional. Relações Internacionais, Lisboa, Instituto Português das Relações Internacionais, nº2, Junho, p. 119-125.
- Corcuff, Philippe. 1995. As Novas Sociologias. 2ª edição. Sintra: Editora VRAL.

- Costa, António. 2010. A Sociologia do Desporto e novas perspectivas para a Sociologia Geral. Exemplo: o caso do futebol. IN Martins, Moisés de Lemos (Org.), Caminhos nas Ciências Sociais: memória, mudança social e razão – estudos em homenagem a Manuel Silva da Costa, p. 31-49.
- Costa, António da Silva. 1992. Desporto e Análise Social. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. 1, nº2, p. 101-109.
- Elias, Norbert e Dunning, Eric. 1992. A Busca da Excitação. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL
- Giddens, Anthony. 2010. Sociologia. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guerra, Isabel Carvalho. 2006. Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e Formas de Uso. Principia Editora, Cascais.
- Hargreaves, Jennifer. 1994. Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women's Sports. London and New York: Routledge
- Hargreaves, Jennifer. 2004. Querying Sport Feminism: Personal or Political IN Giulianotti, Richard (Eds.), Sport and Modern Social Theorists, p. 187-206. Palgrave Macmillan.
- Hough, Peter. 2008. 'Make Goals Not War': The Contribution of International Football to World Peace. The International Journal of the History of Sport, 25:10, p. 1287-1305. URL: <https://doi.org/10.1080/09523360802212214>
- Laker, Anthony. 2002. Culture, education and sport. IN Laker, Anthony (Eds.), The Sociology of Sport and Physical Education – An Introductory Reader, p. 1-14. RoutledgeFalmer.
- Lindsey, Linda L. 2016. Gender Roles – A Sociological Perspective, Sixth Edition, p. 1-26. Routledge.
- Marivoet, Salomé. 2002. Aspectos Sociológicos do Desporto. Coleção Horizonte de Cultura Física. Livros Horizonte.
- Marivoet, Salomé. 2002a. Assimetrias e afinidades de género no desporto. Actas do Colóquio Internacional “Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas”, Associação Portuguesa de Sociologia, p. 423-432.
- Meân, Lindsey. 2001. Identity and discursive practice: doing gender on the football pitch. Discourse & Society, SAGE Publications. Vol 12, p. 789-815. URL: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0957926501012006004>

- Meier, Marianne & Saavedra, Martha. 2009. Esther Phiri and the Moutawakel effect in Zambia: an analysis of the use of the female role models in sport-for-development. *Sport in Society*, Vol. 12, N. 9, p. 1158-1176. URL: <https://doi.org/10.1080/17430430903137829>
- Mendes et al, Romeu. 2011. Actividade física e saúde pública. *Acta Med Port.* 24(6):1025-1030
- Morse, Janice. M. 1994. "Qualitative Research: Fact or Fantasy?", IN Morse, Janice M. (Eds.) *Critical Issues in Qualitative Research Methods*, p. 1-9. London, Sage.
- Nolasco, Carlos. 2004. Futebol: Desporto e Emoção. Edição on-line da Revista Con(m)textos de Sociologia Nº 3/2004, Noites de Sociologia (2002), Associação Portuguesa de Sociologia, p. 16-20. URL: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/42367/1/Futebol_Desporto%20e%20Emoção.pdf
- Paechter, Carrie & Clark, Sheryl. 2007. Learning gender in primary school playgrounds: findings from the Tomboy Identities Study. *Pedagogy, Culture & Society*, Vol. 15, No. 3, October 2007, p. 317-331. URL: <https://doi.org/10.1080/14681360701602224>
- Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van. 1998. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Tradução de João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. Gradiva, Lisboa.
- Serrado, Ricardo. 2014. Jogo e desporto no Portugal contemporâneo (1870-1910). *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*. Vol.33.
- Serrado, Ricardo e Serra, Pedro. 2010. *História do Futebol Português, volume I*. Prime Books
- Serrado, Ricardo e Serra, Pedro. 2010a. *História do Futebol Português, volume II*. Prime Books
- Spaaij, Ramón. 2009. The social impact of sport: diversities, complexities and contexts. *Sport in Society*, Vol. 12, N. 9, November 2009, p. 1109-1117. URL: <http://dx.doi.org/10.1080/17430430903137746>
- Stroot, Sandra A. 2002. Socialisation and participation in sport. IN Laker, Anthony (Eds.), *The Sociology of Sport and Physical Education – An Introductory Reader*, p. 129-147. RoutledgeFalmer.

- Teixeira, Ana Lúcia. 2016. Desigualdades de género nos cargos políticos em Portugal: do poder central ao poder local. Tese de Doutoramento em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/20614>
- Torres, Anália et al. 2018. Igualdade de género ao longo da vida: Portugal no contexto europeu. Fundação Francisco Manuel dos Santos
- Theberge, Nancy. 2000. Gender and Sport. IN Coakley, Jay and Dunning, Eric (Eds.), The Handbook of Sports Studies, p. 322-333. SAGE Publications, London.
- Walby, Sylvia. 1990. Theorizing Patriarchy. Oxford: Basil Blackwell
- Walby, Sylvia. 1996. Key Concepts in Feminist Theory. Aalborg: Department of History, International and Social Studies, Aalborg University. FREIA's tekstserie, No. 33. URL: [http://vbn.aau.dk/en/publications/key-concepts-in-feminist-theory\(3d3b5630-0559-11dd-a863-000ea68e967b\).html](http://vbn.aau.dk/en/publications/key-concepts-in-feminist-theory(3d3b5630-0559-11dd-a863-000ea68e967b).html)

DOCUMENTOS CONSULTADOS

Comité Olímpico Português (COP) - A Igualdade de Género no Desporto. 2015